V ENCONTRO NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA
COMUNICAÇÃO, HISTÓRIA E CIDADANIA: 30 ANOS DA CONSTITUIÇÃO CIDADÃ
Recife · Pernambuco · 2018

A representação feminina no jornal satírico *A Marrêta*[1]

Andréa Cristiana SANTOS[2]
Victória Cristina Rodrigues Resende dos SANTOS[3]
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

Resumo
Entre junho de 1935 e março de 1936, circulou em Juazeiro, na Bahia, o periódico satírico-humorístico *A Marrêta*, produzido pelo tipógrafo e redator José Diamantino de Assis. Este artigo nos permite identificar aspectos relacionados às práticas sociais e culturais vivenciadas pelos habitantes da cidade baiana no contexto da década de 1930, tendo como elemento central as mensagens humorísticas que evidenciam representações a respeito do segmento feminino. Para tanto, faz-se uma abordagem a partir da perspectiva metodológica de uma micro-história da comunicação no contexto da imprensa satírica e da imprensa feminina. Verifica-se que as sátiras podem evidenciar significados sobre como as mulheres ganhavam espaço na cena pública, as formas de controle social e as semelhanças com modos de abordagem da imprensa feminina.

Palavras-chave: História do Jornalismo; Representações; Mulheres; Sátira; Século XX.

Introdução

Domingo, 2 de junho de 1935: a primeira edição do jornal satírico *A Marrêta*, produzido artesanalmente pelo tipógrafo, editor e redator José Diamantino de Assis, ganhava as ruas de Juazeiro, na Bahia. O periódico circulou até março de 1936, com uma periodicidade que se alternava entre semanal e quinzenal. Sua tiragem é desconhecida e o seu idealizador se dedicou à produção de sete outros títulos, que circularam entre 1932 e 1969.

O satírico era destinado à mocidade de ambos os sexos, como definiria o editorial da sexta edição. Em quatro páginas, trazia um conteúdo diversificado sobre o cotidiano da cidade baiana, algumas publicações de caráter literário e sempre histórias ácidas e inusitadas sobre certos personagens. Seções como "Durante a Semana", "Comentando", "Cartomancia", "Sports" se repetiam a cada edição. O jornal também abria espaço para a contribuição de leitores e, com frequência, trazia mensagens alusivas às mulheres e ao Club dos Celibatários.

O clube era formado por rapazes que se reuniam durante o carnaval para festejar em blocos como "Cavaleiros do Amor", "Cordões dos Inocentes", "Maria Rosa" e "Mercado Ambulante" (SANTOS, 2013). Estavam sempre às voltas com alguma "zinha", sofrendo por

[1] Trabalho apresentado no GT História do Jornalismo integrante do 5º Encontro Nordeste de História da Mídia.
[2] Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, professora do curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e coordenadora do projeto Tempo & História da Imprensa do Polo Juazeiro (BA) e Petrolina (PE). E-mail: andcsantos@uneb.br.
[3] Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e bolsista de iniciação científica da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB). E-mail: resendeevictoria@gmail.com.

um amor não correspondido, mas não sonhavam com o casamento. Em sua sétima edição, o jornal anuncia que o engenheiro russo-italiano Azeendino Molotoff Bragga criou o "desembarricópoles", capaz de "dessembarricar[4] moças de até 70 anos" (A MARRÊTA, 21 jul. 1935, p. 1). Mas a descoberta foi rejeitada pela diretoria do Club dos Celibatários por ser contrária ao seu princípio "não casar, agora é tarde!".

Este periódico deve ser compreendido no quadro conceitual dos circuitos comunicativos entre imprensa nacional e local, onde os leitores tinham acesso aos produtos jornalísticos para públicos específicos, utilizando o humor como linguagem. Desde o final do século XIX, as revistas semanais apresentavam estratégias de comunicação para promover o riso (VELOSO, 2010). O público que tinha acesso aos satíricos, lia observando gestos, fisionomias e posturas: os personagens retratados faziam muxoxo, olhavam para o lado, fingiam indiferença.

Marialva Barbosa (2013) destaca que a visualidade e a cultura oral que circulavam nas ruas iriam influenciar o jornalismo de sensações no início do século XX. O conteúdo jornalístico buscava se aproximar do mundo do leitor ao divulgar notícias sobre crimes, violências e sensações capazes de provocar o horror, a raiva e a piedade. O humor também foi uma dessas estratégias.

Aparício Aporelly, jornalista e editor de *A Manha*, folha humorística que circulou no Rio de Janeiro entre 1926 e 1933, se utilizou do humor, da sátira e da paródia. Saliba (2002) destaca ainda a forte presença de um hibridismo linguístico com o uso da linguagem popular, reprodução de dialetos, soneto-piada e estratégias de promoção do próprio periódico para se aproximar do cotidiano vivido pelo leitor. Aporelly, que ficou conhecido como Barão de Itararé, influenciou tipógrafos como José Diamantino de Assis.

O cotidiano era a matéria-prima do periódico que retratava os festejos carnavalescos ou as festas na Rua da Alegria, as práticas religiosas como a Penitência ou o Candomblé, as noites na Praça da Matriz ou os casais que frequentavam o cinema "rezando para o filme ter 75 partes ou mais" (A MARRÊTA, 2 jun. 1935, p. 1).

O pesquisador que se debruçar à leitura de *A Marrêta* deve questionar qual a função do humor numa publicação jornalística. Robert Darnton (2010) assinala que devemos interpretar uma piada não como um signo equivalente, mas a partir de analogias contextualmente compreensíveis. É preciso ler os textos humorísticos em busca de

[4] A expressão "barricão" é utilizada no jornal como uma referência às mulheres que não se casaram.

significados culturais, sociais e processos mais complexos, relacionados às experiências vividas pelos sujeitos em um determinado contexto.

Procurando conhecer mais sobre o jornal, este artigo se dedica à análise da representação feminina presente em oito[5] números do impresso. Esta análise nos permite identificar aspectos relacionados às práticas sociais e culturais vivenciadas pelos habitantes da cidade baiana no contexto da década de 1930, tendo como elemento central as mensagens humorísticas que evidenciam representações a respeito do segmento feminino.

Dessa maneira, as personagens femininas que ocupam as páginas e seções do periódico chamam a atenção no processo de análise historiográfica e dos modos de leitura do passado e do presente. Neste artigo, buscamos investigar essas representações na perspectiva metodológica de uma micro-história da comunicação, na qual se evidenciam rastros e fragmentos de uma prática comunicacional, que detalharemos a seguir.

No primeiro momento, identificamos informações como nome dos profissionais, número da edição, editorias ou seções, presença de imagens, anúncios publicitários, periodicidade etc (BARBOSA; MOREL, 2005). Em seguida, recorremos à análise qualitativa a partir da dimensão dos rastros e dos fragmentos no contexto de uma micro-história da comunicação (SANTOS, 2016). Nesta perspectiva, a noção de rastro se dá ao compreender que jornais/produtos comunicativos estabelecem uma intrínseca relação do texto com o seu referente (BARBOSA, 2010). Esta relação produz rastro que permite que as mensagens do passado possam chegar até o presente e que sejam interpretados pelo pesquisador na sua dimensão narrativa como ações de comunicação.

Compreendemos os fragmentos como artefatos que nos chegam ao presente pelo conjunto de materiais produzidos em um passado e em determinadas condições (LOWENTHAL, 1998). No contexto de uma micro-história da comunicação, o pesquisador coleta esses fragmentos que se dão a ler e fomentam uma interpretação.

A noção de fragmento foi discutida por Arlette Farge, que analisou os arquivos judiciários do século XVIII, a partir de detalhes, pistas menores, restos que, a priori, pareciam insignificantes, a fim de encontrar neles traços do homem comum. O que poderia ser considerado ato falho, fragmentos parciais, podem evidenciar escritas de si e significados da vida pública e privada em um determinado espaço. Farge (2009) ressalta a importância de se analisar os fragmentos a partir do arquivo, pois desvelam textos, modos de falar,

[5] O curso de Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) preserva 28 edições digitalizadas de *A Marrêta* no acervo do projeto Tempo & História da Imprensa do Polo Juazeiro (BA) e Petrolina (PE).

representações de si e dos outros, formas de sociabilidade. Permite ir além do "relato sobre, discurso de" produzidos por outros e oferece trilhas a serem investigadas.

Nesse sentido, na perspectiva de uma micro-história da comunicação, analisamos os rastros e fragmentos presentes na documentação de *A Marrêta* para identificar as representações que se dão a ler sobre as mulheres a partir das construções discursivas produzidas pelo redator José Diamantino de Assis e os pseudônimos usados por ele. Esta análise pode oferecer pistas a respeito das representações produzidas pelos redatores sobre as mulheres e do lugar social que o segmento feminino começava a ocupar pouco a pouco: o espaço público.

Este artigo está dividido em duas partes: na primeira, há considerações historiográficas sobre a imprensa feminina e suas características, a fim de demonstrar que havia jornais que abordavam a temática feminina; e na segunda parte, fragmentos textuais em que podem ser evidenciadas representações sociais a respeito da mulher no contexto de práticas sociais e culturais.

Imprensa feminina no Brasil: breve histórico

No século XIX, chegou ao Brasil um modelo de imprensa destinado ao público feminino. Com o intuito de entreter, os periódicos inicialmente produzidos e editados por homens eram responsáveis por reiterar o papel social das mulheres (como mães e esposas) e transmitir um código de conduta às leitoras (GOMES, 1999, apud NETO at al, 2017).

Os conteúdos eram relacionados às dicas domésticas, receitas, moda e literatura, por exemplo. O novo modelo de imprensa reprovava ideias progressistas e, no geral, defendia somente o direito das mulheres à educação. As leitoras "tinham a percepção, por meio dos escritos da imprensa [...] do lugar que deviam ocupar na sociedade, ou seja, o espaço privado, do lar" (NETO at al, 2017, p. 51).

A respeito da condição socioeconômica da mulher, os dados disponíveis na bibliografia se referem a pouca escolaridade no segmento feminino e a necessidade de investir na educação. Duarte (2017) traz dados do Censo de 1872, que se referem apenas 11,5% das mulheres como alfabetizadas, e 19,85% entre os homens. Os dados se inserem no universo de 81,43% da população livre que era analfabeta. "Os jornais e revistas dessa época destinavam-se, portanto, às poucas brasileiras que começavam a superar a reclusão doméstica, a frequentar teatros, saraus e apreciar literatura" (DUARTE, 2017, p. 24).

Somente décadas depois, surgiriam os primeiros impressos produzidos por mulheres. Segundo Duarte (2017), a diversidade dos periódicos era surpreendente: alguns eram

assumidamente feministas e outros, conservadores; alguns se limitavam ao entretenimento; outros se especializavam em múltiplos segmentos como mãe de família, adolescente, estudante etc. Dessa maneira, a autora afirma que, ao se dedicar à análise de um jornal, o pesquisador deve buscar compreender não somente a "quem" se dirigia a publicação, mas, principalmente, "como" a publicação se dirigia às leitoras.

Em Juazeiro, na Bahia, não há registro de jornais femininos ou impressos produzidos por mulheres no início do século XX. No entanto, a fim de articular as ideias aqui propostas, é preciso compreender a história e a especificidade desse tipo de imprensa.

O periódico de José Diamantino de Assis poderia, também, "evidenciar outros conteúdos simbólicos associados ao controle do espaço social na comunidade, que passa por processos de modernização excludentes, principalmente o controle dos espaços públicos" (SANTOS, 2016, p. 76). Produzido no contexto de uma imprensa satírica e utilizando o humor, o jornal reproduziu algumas características da imprensa feminina conservadora que reafirmava o lar como o local a ser ocupado pela mulher.

As mulheres em *A Marrêta*

Folhear *A Marrêta* é como passear pelas ruas de Juazeiro nos anos 30: conhecer personagens, observar os "namoricos" na Praça da Matriz, os festejos carnavalescos ou a movimentação das famosas Rua da Alegria ou Rua da Apollo. Mas, sobretudo, é se familiarizar com mentalidades, práticas e costumes, dentre outras coisas, de uma cidade do interior, nas primeiras décadas do século XX.

Simples na linguagem e, também, na produção, o periódico parecia ter a pretensão de se tornar popular na cidade baiana por apostar nestas características. "As pistas para compreender os significados da sátira se iniciam na leitura do primeiro editorial" (SANTOS, 2013, p. 7) quando se apresenta como "um órgão sério, tão sério que não tem programa nem expediente" (A Marrêta, ano 1, n. 1, 2 jun. 1935), subvertendo, dessa maneira, "as regras oficiais que exigem que o jornal seja registrado em cartório" (2013, p. 7).

É preciso analisar ainda, conforme defende Debra Spitulnik (1993), os meios de comunicação que se constituem em um lugar de formação de identidades e de representações, moldando e conformando valores culturais em uma dada sociedade, construindo significados sobre o ser e estar no mundo. Este é, portanto, o ponto de partida para a análise da representação feminina dentro do periódico.

Direta ou indiretamente, como protagonistas ou coadjuvantes: as narrativas sobre mulheres ilustravam as páginas de *A Marrêta* a cada edição. Fosse para criticar a conversa

fiada com os marmanjos ou forasteiros, para pedir à cartomante do jornal, Madame Xandú, que as livrassem do barricão, por ter partido o coração de algum rapaz ou parabenizá-las por algum grande feito (como adquirir a assinatura anual daquele periódico, por exemplo): lá estavam elas, mulheres, marcando presença não somente naquela publicação ora semanal, ora quinzenal, mas no espaço público.

Uma seção comum era a "Perfis Femininos", sempre redigida por homens. Na primeira edição, Helia, ou "a morena chic da praça da Matriz", é descrita por Bahianinho:

> Iniciando "A Marreta" esta seção, é justo que a primeira perfilada seja a distinta professorinha Helia, a morena *chic* da Praça da Matriz.
>
> Alegre e jovial, a nossa amiguinha tem por praxe não largar o seu piano todas as tardes, tirando assim a monotonia d'aquela Praça e especialmente quando executa o tango "La Cumparsita".
>
> Admiradora da CINEARTE, a magnífica revista da tela, lê atentamente todas as atividades de Hollywood.
>
> É interessante vê-la pela manhã a caminho da sua [...] levando sempre várias crianças [...] quem passar pelo [...] e ouvir aquele gritinho fino: "Silêncio! Dou já meio *bôlo* em cada um!", podem ver que é a "*fessôra* Helia".
>
> Nas festas da 28, quando ela está presente, é a rainha. Linda e distinta.
>
> Às vezes "banca" caixeira da Loja A CAPITAL, que é um caso sério! É tudo ali [...] pechincha.
>
> É uma graça ver um caatingueiro chegar perguntando:
> - Tem café?
>
> Responde ela distraidamente:
> - Não, senhor: só na Loja Leoni, aí adiante!
>
> (A MARRÊTA, 2 jun. 1935, p. 1).



ANO I — JOAZEIRO, (Bahia) 2 DE JUNHO DE 1935. — NUMERO 1

A MARRETA

DIRETOR: JUAN PULIDO | QUINZENARIO CRITICO E HUMORISTICO PUBLICA SE NO 1º e 3º DOMINGO DE CADA MEZ | REDATOR: CONDE MITZI

NO'S...

"A Marreta" é um orgão serio. Tão serio que não tem programma nem expediente

Somos uma especie de espantalho da "portagem".

Seremos sempre "amigos" daquelles que gostam por exemplar dos bicos da praça da Matriz em noites de encarapitar "titias" cadeiras do cinema com a sua agradavel companhia e que o Diabo leve tal parte e mais o resto por diante

Diz o nosso estimado philosopho, o grande filosofo latino-joazeirense, Marreta, que o homem é o bicho mais feroz deste mundo... e a mulher tambem, portanto...

Tendo pois principiado com A MARRETA e vão agoniando talvez os marretadas, do contrario será tempo perdido.

Em virtude não estar ainda devidamente aparelhado o predio de nossa redacção á praça da Matriz, cujo andar terreo estamos por gentileza nos Correios e Telegrafos, provisoriamente toda e qualquer correspondencia deverá ser dirigida para a Rua Barão de Colegipe, 6.

NO PROXIMO NUMERO: «CAVAÇÕES E PITA'AGENS» NA PRAÇA DA MATRIZ, À NOITE!!!

PERFIS FEMININOS

III

Iniciando «A Marreta» este numero, o jogo que a primeira pessoa que a descubra incontinenti fuja, a maneira cabo da Praça da Matriz.

Alegre e jovial, a minha amiguinha tem por séde ao lazer o primeiro banco de jardim, tendo assim a nona cadeira a esquerda propriamente olhando especial e fixo o «La Comparsa».

Admiradora do CANTANTE, a menininha recebe a cada dia, o mesmo numero de flores ao «Cavalheiro do Harmonio».

E naturalmente que pela manhã, a cadeira do seu [illegible] [illegible] [illegible]

cinema norte-americano e a mídia impressa também foram importantes para difundir novas ideias e comportamentos, e alimentar o desejo de liberdade e emancipação.

No entanto, os avanços não se processavam com rapidez e, apesar das conquistas, muitas mulheres ainda estavam restritas ao lar, sem acesso ao ensino superior e exercendo profissões relacionadas ao magistério e ao cuidado do ambiente doméstico (NETO at al, 2017). Em meio a tantos contrastes, como definir a perfilada Helia, afinal?

Na mesma edição, adiante, aparecem outras referências às professoras da cidade, comumente retratadas de maneira pejorativa; às vezes, como objeto de conquista dos jovens ou como chacota, reproduzindo estereótipos construídos sobre a mulher professora como "sisuda". O texto a seguir não identifica a autoria nem o nome da personagem.

> Aquela professorinha morena e de porte elegante, da praça da Matriz, é tão *sizuda* que dá o que falar.
>
> Ouvimos há dias numa "roda", os seguintes comentários a seu respeito:
>
> - Ela até em sua escola é um caso sério! Os meninos comem "*fôgo*"! …
>
> - É, mas se eu fosse seu *dicípulo* havia de *tapeal-a* da melhor forma, responde o Juca Morais.
>
> - Como? pergunta o "pirata" José Cavalcante.
>
> E o Juca com ares de ingenuidade:
> - Muito simplesmente! Lhe emprestaria os livros de Bastos Portella! …
>
> *Pucha*! Que pessoal linguarudo! Nem as professoras escapam…
>
> (A MARRÊTA, 2 jun. 1935, p. 3).

Uma das principais características da imprensa feminina era a interatividade com suas leitoras: com uma linguagem simples, intimista, respondendo suas cartas com conselhos amorosos, enfim, tratando-as como amigas (NETO at al, 2017). E embora *A Marrêta* não fosse um jornal feminino, estabelecia um diálogo direto com as mulheres através do Dr. Caroá, no Consultório Médico, ou da solicitada Madame Xandú, na seção Cartomancia, por exemplo. Mas tudo, claro, mediado pelo humor.

> (Afim de satisfazermos a curiosidade das nossas leitoras, contratamos a distinta cartomante, vidente, espírita e outras cousas mais, Mme. Xandú, cujo retrato *vae* acima, a qual responderá nesta coluna, qualquer pergunta)

SENHORITA W. - Pelas cartas, vi que a senhora está perdendo tempo. Não adianta pegar qualquer um… O seu caso é perdido. Aconselho cair logo no barricão.

SNTA. C. - O seu caso é complicado! Vejo muitos admiradores, porém todos passageiros… Talvez não façam bem os passeios pela zona do <640>. Só há um remédio: mais juízo e menos pirataria[7]!

SNTA. M. - Demoradamente examinei sua consulta, deixando cartas e consultando ao <Xangô> de Ouro, porém todos sempre avisam que a amiguinha está malhando em ferro frio… <Ele> não lhe quer. Tem OUTRA na capital. Portanto, o remédio é… bater em outra porta! … Não perca tempo!

SNTA. B. - Não lhe conhecendo, parece-me que a amiguinha já está na beira de um grande abismo - o barricão! E ainda pensar em *cazar*? Ora! As cartas mostram claramente e sua inicial confirma: BARRICÃO! Deixe portanto essa mania. Vá rezar!

(A MARRÊTA, 23 jun. 1935, p. 3)


3 A Marreta

CARTOMANCIA

ASSOMBRO!

A UM "HEROI"

Gramatica Das Mulheres...

SE...

Carimbo de borracha? Aqui N. A Marreta.

Figura 2: à esquerda, a seção "Cartomancia"; na ilustração, madame Xandú.

O primeiro editorial traz um alerta: "tenham, pois, paciência com A Marrêta e vão aguentando firme as marretadas, do contrário, será tempo perdido" (A Marrêta, ano 1, n. 1, 2 jun. 1935). No entanto, Juan Pulido e o seu jornal não passaram impunes pelos leitores que criticavam avidamente o conteúdo das publicações. O editorial da sexta edição, de 14 de julho

[7] O jornal utiliza "pirataria" e "piratagem" como sinônimos para os namoricos nos espaços públicos. O termo "pirata", no entanto, é uma nomenclatura utilizada somente para se referir aos homens.

de 1935, responde às reclamações (sobretudo, das leitoras) reafirmando que, tendo a cidade um órgão crítico em circulação, é natural que "tamanhos e camaradas namoricos sejam de conhecimento público".

> Não é esta a primeira vez que nos admiramos de Juazeiro, ser uma terra civilizada, e no entanto surpreender-nos com atos de dupla ignorância por parte dos seus filhos.
>
> <A Marreta>, órgão sério que se edita nessa cidade, há mais de um *mez*, sendo fundado para o entretenimento da mocidade de ambos os sexos, aos domingos, está sendo agora alvo das mais torpes e injustas acusações, a nós querendo *infundar* uma lógica estapafúrdia em análises mirabolantes das nossas críticas indiretas no tocante a parte do *femenismo* local.
>
> [...]
>
> Todavia queriam que tamanhos e <camaradas> namoricos ficassem aferrolhados, tendo um órgão crítico em circulação? Não. <A Marreta> levou-os ao conhecimento do público e dos *paes*, e são estes agora, depois de termos lhes prestado um serviço, revoltam-se contra nós, desmentindo-nos *semserimoniosamente*.
>
> São mesmo por acaso umas "santas" estas garotas daqui?
>
> [...]
>
> Ninguém compreende essa <ruminância juazeirense>: se o jornal *sae* fraco, reclamavam que o mesmo não presta; se *sae* forte querem nos engolir, como fizeram com o Conde Mitizi, ou dizem como alguém já disse, que nós queremos passar os pés adiante das mãos. É o cúmulo!
>
> Ora bicas! Só mesmo pura ignorância…
>
> Quem prova se já atacamos a moral de alguém?
>
> Que se mordam todos esses aduladores e açuladores que desejam a derrocada d'A MARRETA!
>
> (A MARRÊTA, 14 jul. 1935, p. 1)

É interessante perceber que as mulheres não eram meras personagens das narrativas do periódico. Eram também leitoras assíduas que consumiam e opinavam sobre o conteúdo. O espaço doméstico tornava-se pequeno: percebe-se, principalmente, quando o autor cita o feminismo local como responsável pela "revolta". Em outro momento, o jornal anuncia a chegada da senhorita Marina Félix, "uma fervorosa adepta do Integralismo" (A Marrêta, ano 1, n.1, 2 jun. 1935), a Juazeiro. Essas mudanças, no circuito de uma cidade pequena, talvez não fossem consideradas conquistas de gênero, contudo esses fragmentos textuais podem oferecer pistas interpretativas para compreender que as mulheres ocupavam a cena pública da

cidade e, eventualmente, algumas delas poderiam fazer parte dos circuitos políticos para debater temas de atualidade à época.

Considerações Finais

É importante ressaltar que na imprensa brasileira, a sátira e o humor estiveram associados aos pequenos periódicos artesanais, no século XIX, e à crítica política durante o século XX. O satírico produzido pelo tipógrafo José Diamantino de Assis, que circulou na cidade baiana durante nove meses, se apropriou de práticas, hábitos e costumes locais para se referenciar aos códigos sociais.

Dessa maneira, este artigo procurou trazer considerações iniciais acerca das representações sociais referentes às mulheres que foram construídas no jornal *A Marrêta*, considerando o humor como um signo ambivalente que pode evidenciar aspectos da realidade social e cultural onde o impresso está inserido.

E embora não fosse um periódico feminino, suas seções, sua aproximação com os leitores e o seu conteúdo, que se debruçava sobre as representações sociais (de homens, mulheres, forasteiros, sobre as práticas religiosas etc), estabelecia um diálogo com aquele tipo de imprensa. É importante pontuar, também, que *A Marrêta*, assim como os primeiros jornais femininos e feministas, era escrito por homens (DUARTE, 2017) que versavam sobre modos de "ser mulher".

Contudo, o nosso objetivo não foi estabelecer conclusões definitivas acerca do jornal e da relação indivíduo-sociedade. Os rastros e fragmentos deixados pelo tipógrafo se constituem como elementos para construir a historiografia da imprensa na cidade de Juazeiro, na Bahia, além de refletir sobre a trajetória profissional de José Diamantino de Assis.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva; MOREL, Marcos. **História da imprensa no Brasi**l. Metodologia. Disponível em <www.redealcar.ufsc.br>. Acesso em: 01 mai. 2018.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil 1800-1900**. Rio de Janeiro:Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. São Paulo: Vozes, 2013.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourret**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**: Século XIX: Dicionário Ilustrado. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 13-28 p.

FARGE, Arlette. **O sabor do Arquivo**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2009.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. São Paulo: Projeto História, vol. 17. nov 1998.

MORAIS, Natani Cristtine; IRSCHLINGER, Fausto Alencar. **Moda, Mulher e Sociedade Brasileira (1920-1940)**. 3. ed. Umuarama: Akrópolis Umuarama, 2012. 141-149 p. v. 20. Disponível em: <http://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/4868>. Acesso em: 25 abr. 2018.

NETO, Manoel Pereira Da Rocha et al. **Jornal manuscrito O Sonho: mulheres escrevendo a história**. 1. ed. Revista Brasileira de História da Mídia: Alcar, 2017. 48-66 p. v. 6. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6061>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**: a representação humorística da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Andréa C. **CULTURA POPULAR E SÁTIRA EM A MARRÊTA (1935-1936)**. [S.l.: s.n.], 2013. 1-15 p. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/cultura-popular-e-satira-em-a-marreta-1935-1936>. Acesso em: 25 abr. 2018.

SANTOS, Andréa C. **Travessias Comunicacionais de um Tipógrafo-Jornalista: José Diamantino de Assis e as Tessituras do Moderno**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 75-86, 2016.

SPITULNIK, Debra. Antropologia e Comunicação de massa**.** In**: Annual Review of Antropology**. v 22. 1993, p. 293-314.

VELOSO, Monica. **Moderno em Revistas**: a representação do Rio de Janeiro 1880 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

Jornais Consultados

A MARRÊTA. Juazeiro, ano 1, n. 1, 2 jun. 1935.

A MARRÊTA. Juazeiro, ano 1, n. 1, 2 jun. 1935.

A MARRÊTA. Juazeiro, ano 1, n. 3, 23 jun. 1935.

A MARRÊTA. Juazeiro, ano 1, n. 6, 14 jul. 1935.

A MARRÊTA. Juazeiro, ano 1, n. 7, 21 jul. 1935.